

# TRIBUNA Livre

6  
SETEMBRO  
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

## Casamento de Conveniência

Por EME

Temos visto focar, sob vários aspectos, os problemas do Médio-Oriente, cuja devassa se tem feito com insistência, devido ao grave perigo que representa esta nevrálgica zona de influência no mundo actual.

Nós atribuímos alguns sucessos ultimamente verificados, a este respeito, na política internacional, à necessidade que ambas as partes mais interessadas nesta contenda têm de concertar-se acerca dos seus problemas económicos.

O «ouro negro», que tão pródigoamente se converte ali em ouro verdadeiro e como tal desorienta os povos desta encruzilhada do mundo, traz alvoçados os corações e as inteligências e desperta cada vez mais desmedidas ambições, mais desordenados apetites, mais baralhados sentimentos, que envolvem este pequeno mundo em convulsões sociais que irrompem como lava de vulcão, e sufocam, e aniquilam qualquer sopro de vida política dos povos que lhe levaram, e levam, os primeiros vínculos da

moderna e verdadeira civilização — a civilização ocidental.

Há quem pense mesmo que toda esta pressão sobre o Ocidente é feita por uma questão ideológica, em que os árabes são irredutíveis, e, se bem que em parte assim seja e portanto o casamento ideológico se tenha de pôr de parte, resta, conseqüentemente, lançar mão de solução mais viável: o casamento de conveniência.

Será o que neste momento se estará a verificar nos bastidores da política «ocidental-árabe», como denunciou o espectacular «volte face» verificado na última quinzena de Agosto, na sessão extraordinária da O.N.U.?

Como tudo tem seus limites e os árabes não desejarão, por certo, levar as coisas a um extremo tal que traduza um rompimento com o Ocidente — de que precisam para a colocação dos seus petróleos, nervo de toda a sua economia —, tudo leva a crer que as coisas

(Continua na 6.ª página)

## A CAMINHO

duma realização grandiosa

Noticiamos, há dias, que a nossa Misericórdia ia ter uma sede nova, graças aos esforços de uma Comissão e à generosidade de alguns.

É já na próxima semana que se lavrará a escritura que tornará efectiva a dádiva, enquanto as obras continuam de maneira ininterrupta e não-de continuar até à sua conclusão.

Dados os primeiros e decisivos passos começou a ver-se subir o edifício. Alguns acreditaram desde logo naquilo que parecia ser um milagre e muitos ficaram a olhar incrédulos nas possibilidades da caridade da nossa gente.

Mas a obra, cara embora, porque é grande e feita com os melhores requisitos, continua a seguir o seu curso e vai receber a cúpula.

Dinheiro? As dádivas daqueles que não desconhecem os fins altruistas das Misericórdias e não querem furtar-se ao dever que temos todos de ajudar o que vem por bem, só para o bem.

É esse dinheiro aparece a tornar possível o que parecia impossível. Não é ainda a oportunidade de mencionar nomes que não de ficar gravados em letras de ouro nos anéis daquela instituição, nos corações bons do concelho, no livro da generosidade Divina que tanto retribui.

Não deram ainda todos os que podem e devem dar, mas não duvidamos um momento que esses corações bem formados não de corresponder ao apelo e fazer ouvir a sua voz de bondade.

Esta semana, uma alma de eleição, daquelas que nunca faltam ao cumprimento dos deveres de filantropia, sem que lhe fosse pedino qualquer óbolo, dirigiu-se a um membro da Mesa a fazer a oferta de 5.000\$00.

Outras deram tanto como este, outras deram um pouco menos por também serem mais reduzidas as suas possibilidades, todos, enfim, ajudam a uma obra imperecível.

Repetimos que não é ainda o momento de indicarmos ao Concelho o nome dessas almas bem formadas. Alguns mais gostariam de ver-se sempre no anonimato; é, porém, preciso falar de uns para lembrar aos indecisos os deveres indeclináveis que temos perante a sociedade que precisa e a humanidade de que somos a parte favorecida.

## A Terras de Bouro

Por DOMINGOS M. DA SILVA

P. Leal ousa asseverar, em seu *Portugal Antigo e Moderno* que apenas se conhecia da existência deste concelho, pelo aparecimento do seu nome nos mapas.

Puro engano este e sirva de lição quanto é perigoso julgar pelas aparências, tanto o indivíduo modesto e recatado em sua inata simplicidade, como as terras encastradas pelos vértices das montanhas ou no fundo dos vales, no seu isolamento e rudeza, nas características de seus habitantes.

O bom nome, fama e transcendência das terras não alcançaram os confins dos continentes a poder de lustrosas parangonas; antes por meios lentos e subtis, o carácter, hábitos e tradições de nossos maiores, transplantados a meios longínquos, como produtos de valor humano, aí floresceram e se reproduziram em frutos que a prodigalidade da Família Lusa, levada dos montes e das planícies a toda a parte tem sabido distribuir pelos mais variados recantos do mundo.

Na singeleza de um exemplo, que decerto nunca teve as honras de ver-se estampado em letra redonda, pode concluir-se com quanta eloquência, simpatia, amor e patriotismo se fala ao longe de actos e personagens humildes, como das terras que ao perto, julgamos esquecidas.

É tão autêntico, como se descreve o caso que vai narrar-se, que não me seduzem

romantismos nem literaturas de ficção; somente aqueles em que o verdadeiro humanismo fortemente revive e se retrata.

Vai há pouco tempo que certo indivíduo, beirão de nascença, mas viajado e observador, me interpelou desta maneira:

— Pelos vistos, então v. é lá desses lados de Terras de Bouro?

A cautela, pelo que fosse e viesse, respondi-lhe:

— Sim, pouco mais ou menos.

E, logo apercebendo-se da minha expectativa, continuou

(Continua na 5.ª página)

## Reparos

Vamos, hoje, sem carácter polémico, presidindo ao nosso acto, não outra intenção, mas somente o reparo honesto, fruto da crítica construtiva que costumamos usar, fazer algumas referências a duas secções deste jornal, cujos autores, um conhecemos levemente, e outro nem sequer conhecemos.

Ambos, apesar de cultivarem géneros literários diferentes se aproximam num ponto — o pessoalismo.

Assim, vemos Gonzaga da Cruz, dando-nos nos seus bilhetes cartas de Angola, a certeza de reunir todos os predicados necessários à epistolografia, com estilo próprio, remeter-se sempre, ao seu eu. Não seja assim. Conte-nos, como tão bem sabe, o que quiser sobre Angola. Diga-nos do grau de civilização das suas gentes, diga-nos das suas riquezas materiais. Fale-nos da alma dos nativos. Crie na sua secção um pedaço de Angola e transporte-nos com a sua leitura, a Boa-Fé.

\* \* \*

Monteiro Jorge, no *Album de Coisas Várias*, peca, de igual modo. Escrevendo com desenvoltura, mostrando mesmo uma cultura vasta, remete-se, por vezes, a assuntos cujo interesse é pessoal.

Temo-lo lido, com agrado, versando assuntos com profundidade e esperamos que o nosso reparo irá fazer com que Monteiro Jorge nos dê, no seu *album de coisas várias*, de futuro, as «várias coisas» que tão bem sabe tratar.

A. R.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

## PARANHOS

Uma vez em Caldelas, bati à porfa da residência do senhor abade e, feitas as naturais saudações, participei-lhe que estava de caminho até estes altos pendores, a fim de me certificar do que já sabia e pessoalmente anotar o que mais houvesse a dizer.

Logo pronto, mostrou-se decidido a ir também; e, por mais que me escusasse de aceitar o sacrifício de tão honrosa companhia, não conseguiu demovê-lo.

Recolhendo-se por instantes, largou a batina e apareceu leveiro, e de seu bordão polido e elegante nas mãos firmes (com o qual declarou ter sido obsequiado) estava disposto a ir visitar, passada mais de uma dezena de anos, uma antiga parcela do seu rebanho; por mais que uma vez à tivera sob a sua jurisdição paroquial, anexa à sua própria freguesia.

E, subtraindo-se, por caminhos seus bem conhecidos, ao bulício da Avenida e deferências dos hóspedes das termas, que tanto tem acarinhado, fomos subindo pelas calçadas cada vez mais íngremes andando e conversando.

Pelas levadas e regachos, em que se reparte e subdivide o Alvito, como as veias num corpo, sentiam-se murmurar as águas das últimas chuvas deste Agosto invernosso, enquanto o senhor abade ia dando as suas explicações acerca do traçado da futura estrada para S. Pedro-fins, até que, a certa altura, começou a ouvir-se, pela boca

(Continua na 4.ª página)

## FESTA EM CANIÇADA

Grandioso Festival Náutico e Arraial Minhoto, Uma Festa que honra a Organização

Realizou-se no passado dia 30, em Caniçada, uma grandiosa festividade organizada pelo CAT, que atraiu aquela gigantesca Barragem numero-so público.

Tribuna Livre, desejando andar ao par destes importantes acontecimentos, fez deslocar a Caniçada um enviado especial, principalmente para acompanhar de perto a prova Náutica que se disputava na Albufeira, cenário maravilhoso para a prática deste desporto. Cerca das 17,30 foi constituído o júri para o Festival Náutico a que presidiu

Sua Ex. cia o senhor Engenheiro Mário Trindade, ladeado pelos senhores Fernando Clara e Manuel Pereira.

Às 18 horas, deu-se início ao Festival com a largada dos concorrentes para a prova dos 100-mt. livres, tendo vencido brilhantemente o nadador de Vila Nova Manuel Brás, seguido de António Barroso (Paradela), Domingos Gonçalves (Salamonde) e Eugénio Pedro (Caniçada). Seguiu-se os 100-mt. bruços, tendo os nadadores obtido a classificação se-

(Continua na 3.ª página)

## SANTUÁRIO DA ABADIA

Depois de alguns anos, confirmou esta doação seu neto, D. Afonso II o Gordo.

Conservaram os ditos abades sempre a posse daquelas terras de seu couto, como o reconheciam os próprios moradores delas, tanto que em tempo de guerra nenhum homem nascido neste couto poderia servir a outro senhor do Reino, por maior que fosse a sua qualidade, sem se desnaturalizar e perder as herdades que tivesse, e que o dom abade podia confiscar, como bens perdidos por algum crime digno de tal pena.

Mas, se algum homem deste couto saia fora dele a ganhar de comer, e pela maior parte iam, para África, onde de todo serviam só El-Rei, já não ficavam incorrendo na mencionada pena.

\* \* \*

Em tempo de El-Rei D. Sancho II, como por sua brandura andassem as cousas do Reino mal governadas, disse a rainha D. Mecia de Haro sua mulher, tirasse os bens eclesiásticos ou seculares, muito a seu gosto, para pagar serviços a seus criados e outros, tirar dinheiro das mãos de seus possuidores, que o davam a fim de remir sua vexação e não caírem na indignação da rainha.

Assim ordenou tirar aos religiosos do Real Mosteiro de Bouro o senhorio de seu couto, dado por seus gloriosos, ascendentes para o que determinou um pretexto de haver cisão nos bens doados, e se passasse um decreto por virtude do qual se revogasse o senhorio do dito couto.

Foi então preciso ao dom abade remir esta injustiça por mil maravedis de ouro, pelos quais El-Rei lhe vendeu o couto, que por valores e posse tinha o seu mosteiro, de tempos passados.

Esta carta de compra foi feita na cidade de Braga, aos 3 de Junho de 1256, pela qual ficou o dito mosteiro a possuir sua herança por mais títulos que os outros mosteiros, pois ainda a comprou da coroa, como se sua não fosse.

Não obstante, o conde de Bolonha, sendo rei de Portugal, anulou tudo e mandou derrubar os padrões por onde se demarcava o couto; trouxe os monges em renhida demanda, até que seu filho D. Dinis tornou a restituir esta perda, mandou levantar os padrões e meter os abades e monges em sua primeira posse, o que bem se deixa ver em um privilégio que mandou lavrar a 19 de Março de 1279.

Desde este tempo viveram quietos e sem dúvidas entre si os reis de Portugal e Religiosos de Bouro.

(CONTINUA)

### NOTICIÁRIO CASAMENTO

Realizou-se no passado dia 25 do corrente no Santuário de Nossa Senhora da Abadia, o enlace Matrimonial do nosso particular amigo senhor José Maria Alves, filho do senhor Carlos António Alves e da senhora Albina Antunes Maia, com a menina Maria Alice da Costa, prendada filha do senhor Venâncio de Jesus da Costa e da senhora Maria Irene da Costa.

Apadrinharam o acto o senhor Fernando José da Costa e a senhora Maria Almeida da Costa.

Após a cerimónia, foi servido na Casa do senhor Alvaro Ribeiro, um lauto copo de água, a que assistiram todos os convidados.

«Tribuna Livre», deseja aos noivos as maiores felicidades e que a Virgem Senhora da Abadia encha de graças este novo lar.

### CARREIRA DE CAMIONETA

Há já bastante tempo que a Empresa Hoteleira do Gerês, concessionária das carreiras entre Braga-Gerês, projecta e talvez já requeresse aos competentes Organismos, a passagem de uma carreira por Abadia, ligando a S. Bento da Porta Aberta.

A referida carreira, é sem dúvida, um grande benefício para o Santuário e para os romeiros que têm de fazer as suas visitas, muitos dos quais se abstem de tal fazer, visto não existir uma carreira.

À Empresa Concessionária, apelamos para que a carreira tenha início o mais breve possível e que os seus horários sejam estabelecidos por forma a satisfazer convenientemente o público.

### BOURO

#### NOTÍCIAS PESSOAIS

Regressou a Lisboa o nosso particular amigo e assinante deste jornal, senhor Francisco Marques, acompanhado de sua Ex.ma esposa e filhinho, que vai ocupar o cargo que exerce naquela Cidade.

A este conterrâneo amigo, desejamos as maiores felicidades e no próximo período de férias, encontra-nos-á de braços abertos para o receber.

A. Fernandes



### Notícias de Frei Manuel de Figueiredo

(Mans. 1494-21 B. N. L.)

(Continuação)

Ordenou El-Rei ao dom abade de Alcobaça que escolhesse alguns religiosos antigos e classificados em tudo, para virem servir de mestres destas novas plantas de santa vida religiosa, instruí-los nas cerimónias e particulares institutos da Ordem, lançar-lhes a todos o santo hábito e fazer profissão religiosa.

El-Rei D. Afonso Henriques concedeu ao mesmo abade D. Nuno e aos seus monges a vila de Santa Marta, no ano de 1157 e no de 58 deu lhes os dízimos de sal da vila de Fão e outras muitas herdades.

A obra da nova profissão efectuou-se no mês de Abril do ano de 1159, em que, chegando os monges de Alcobaça, ali fizeram profissão ao abade D. Nuno com os mais eremitães, ficando desde logo verdadeiros religiosos e sujeitando-se à filiação do arquiosteiro de Alcobaça, como fizeram dali em diante todos os seus sucessores.

\* \* \*

Por morte do abade D. Nuno sucedeu no seu governo D. Pelágio, religioso de Alcobaça, ao qual o mesmo rei D. Afonso Henriques fez doação do couto de Bouro, dando o senhorio dele aos abades e seu mosteiro e tirando-o de toda a obrigação e senhorio real.

Por inadvertência e pouca cautela queimou-se o cartório do Real Mosteiro de Bouro e, entre os mais preciosos documentos, abrazou e reduziu-se a cinzas a própria doação do senhorio do couto, que o mesmo rei de novo voltou a doar-lhes na era de 1162.



# TRIBUNA do CONCELHO

## Sátira

Afinei um cavaquinho  
Pra tocar uma canção  
Ao meu lindo torrãozinho  
Que trago no coração:  
Tremelím  
Tremelão.

Quando me quedo a pensar  
No progresso remoçado  
Do rincão do meu concelho,  
Vejo nele um grande espelho,  
Onde se devem mirar  
Aqueles, que, num passado,  
O quizeram derrotar!  
Camarim  
Camarão.

O largo da Feira Nova,  
De gentis moças garridas,  
Dia a dia se renova,  
Mudando becos imundos  
Em vistosas avenidas,  
(Embora no devaneio  
Dum herói da região  
«Estas só sirvam de peão  
E de módico recreio  
A boêmios vagabundos»)...

Os edifícios altivos  
E as luzes fluorescentes,  
Dão à vila tons festivos  
E fazem vibrar as gentes  
Em dias de calmaria  
E em noites silenciosas...  
É ver as jovens vaidosas  
Que em fina e fresca roupagem  
Parecem ninfas, de viagem,  
Em dias de romaria!...

Num passado inda bem perto,  
Quem contemplesse o cenário  
Dos mortícios lampeões  
Perdidos na escuridão  
Das frondagens do arvoredo,  
Ficaria mudo e quedo  
E mesmo boquiaberto  
Ao ver as degradações  
Da vetusta edilidade,  
Cujas luzes, na verdade,  
Coadas pelo clarão  
Das poéticas estrelas,  
Pareciam grandes velas  
A alumiar um caixão!...

Farsatim  
União.

2-9-958.

Mar

## TRIBUNA DO LEITOR

Escreveu-nos o assinante Francisco José de Almeida, ausente em França, muito satisfeito por ter visto notícias de Goães, sua terra natal.

Pede para dar os parabéns ao Snr. Abade por tomar a iniciativa de dizer a missa de manhã, sinal de melhor saúde, que muito estima, e ao mesmo tempo regosija-se por ter lido, o restabelecimento do Snr. Agostinho César Correia Peixoto, pessoa de sua estima.

Um assinante de Lisboa, natural de Vilela, de visita à sua terra verificou com desgosto o estado lastimoso em que se encontra a antiga capela de N.ª Senhora da Conceição, do lugar do Pinheiro, que noutros tempos tinha até capelão e em que se fazia uma festa no dia de N.ª Senhora da Con-

ceição. Verificou que eram ali feitas arrumações de madeira, o que representa uma condenável profanação e demonstra falta de fé das pessoas que concorrem para actos tão faltos de consideração pelas coisas do culto.

A sua carta é um protesto contra tudo o que viu e que repugna a quem conheceu o esplendor da referida capela. Louvamos este nosso assinante pela sua atitude, sobre todos os aspectos dignificante.

\* \* \*

O Snr. Albino Tinoco de Oliveira, de Sá da Bandeira, enviou-nos a importância de sua assinatura e pede-nos o preço do custo das Monografias de Amares e Vila Verde.

A do nosso concelho será anunciada dentro em breve e não tem ainda preço fixado, a de Vila Verde está à venda por 35\$00.

## FESTA EM CANIÇADA

Grandioso Festival Náutico e Arraial Minhoto  
Uma Festa que honra a Organização

(Continuação da 1.ª página)

guinte: 1.º Manuel Barroso (Caniçada), 2.º Virgílio Silva (V. Nova) e 3.º Fernando Claro (Salamonde). Desistiu Manuel Pereira (Porto), que teve de ser assistido pela equipa de socorros. Salientamos nesta prova o nadador de Caniçada Manuel Barroso, que a poucos metros da linha de chegada ultrapassou numa arrancada impressionante o concorrente de Vila Nova, perante o delírio do público. Assistimos depois à prova mais importante do Festival; TRAVESSIA DA ALBUFEIRA. Os concorrentes obtiveram nesta dura competição a seguinte classificação: 1.º António Machado (Salam.), 2.º Adélio de Castro (Caniçada) 3.º Manuel Brás (V. Nova) e 4.º Manuel Barroso (Parad.). Na prova de salto que se seguiu, a classificação foi a seguinte: 1.º Manuel Brás (V. Nova), 2.º Adélio de Oliveira (Caniç.), 3.º Avelino Morais (Caniç.) e 4.º Domingos Dourado (Salam.).

Finalmente foi disputada a estafeta 3x50, tendo vencido com inteira justiça a equipa de Vila Nova, classificando-se a Caniçada em 2.º lugar. Nesta prova estava em jogo a «TAÇA CANIÇADA» que foi entregue aos vencedores. Assistimos na realidade a um festival desportivo digno de ser visto e pena foi que

muita gente desconhecesse esta magnífica prova desportiva, notando-se a falta de propaganda, que a ter sido feita, teria deslocado àquele ponto de turismo muito mais público, que só por ignorância ficou em suas casas. alheio a tudo isto. À noite principiou o arraial minhoto com a participação dos Ranchos Folclórico de Rorbordões, Terras de Bouro, Rancho infantil de Caniçada e ainda os acordionistas irmãos Fernandes que gentilmente colaboraram nesta festa, não esquecendo a orquestra do CAT que abriu e encerrou o arraial. Aproveitando um pequeno intervalo, foram distribuídos os prémios aos nadadores que tomaram parte no Festival Náutico, sendo muito aplaudidos pelo público que enchia por completo o recinto. Finalmente deu-se início ao baile, que pôs ponto final a esta maravilhosa noite típica, a que assistimos com prazer. Antes de terminar esta reportagem, queremos agradecer à Organização todas as facilidades que nos foram dadas para melhorar efectuarmos os nossos serviços, bem como à dinâmica professora de Parada de Bouro, D. Maria Elvira, pelo amável convite feito ao nosso enviado especial, ofertando-lhe um lanche e um lauto jantar.

M. Janela

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Hoje, a senhora D. Maria Judite Gonçalves Macedo, a snra. D. Lúcia Martins Dias, o snr. José Joaquim Leite e o snr. Alberto Dias Antunes

Quarta-feira a snra. D. Alme-rinda dos Prazeres Fernandes.

Quinta-feira o snr. Alberto Ramos Leite Azevedo

### ANTÓNIO RODRIGUES DE ALMEIDA

De visita à família e em gozo de férias, encontra-se entre nós o nosso estimado assinante, Sr. António Rodrigues de Almeida e esposa Sra. D. Fernanda Nogueira de Almeida, digno comerciante em Lisboa e proprietário no lugar do Pilar, freguesia de Carrazedo.

Aos ilustres visitantes desejamos umas boas férias entre os seus.

### ELISIO MARTINS REBELO,

nosso assinante na Beira - Moçambique

Encontra-se entre nós a esposa e filhos deste nosso estimado assinante, senhora D. Albertina Martins Rebelo e seus filhos José Albino e José Manuel, de visita à família.

Tribuna Livre deseja aos estimados visitantes umas férias felizes.

## Visado pela Censura

## Convocação

D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Amares:

Nos termos do art.º 29.º do Código Administrativo, convoco para uma sessão ordinária, a realizar no dia 10 do corrente mês, pelas 14,30 horas, o Conselho Municipal.

Amares, 1 de Setembro de 1958.

Presidente da Câmara,

D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena

## Cobrança

Havíamos avisado, individualmente, os nossos assinantes de fora do concelho, de que nos poderiam enviar as importâncias das assinaturas relativas ao primeiro semestre, por qualquer forma, mesmo em selos do correio, mas que a partir do início do segundo semestre enviaríamos todo ano a cobrança aos que não tivessem satisfeito, desta forma, o primeiro semestre.

É o que vamos fazer agora, interpretando que todos aqueles que nos não fizeram o pagamento do primeiro semestre, preferiram que a cobrança fosse feita de uma só vez, dos dois semestres.

Agradecemos, portanto, a melhor diligência na efectivação do pagamento das assinaturas, única receita que permite manter em pé o nosso jornal.

## Novos Assinantes

Pelo Snr. Armando Macedo Martins, ausente no Rio de Janeiro, foram-nos indicados os seguintes assinantes, também ausentes no Rio de Janeiro:

António Leite, João Pinto, José António Vieira, Armindo Fernandes Carneiro, Artur Cunha, Manuel Dias Pisão, António Alberto de Freitas e Manuel Gonçalves.

P-diu-nos também para enviar o jornal ao Real Gabinete Português de de Leitura, e à Redacção de «A Voz de Portugal».

Com muito gosto fizemos as suas inscrições, o que agradecemos.

## HUMORISMO

### Entre duas criadas

—O meu patrão é tão benfiquista que nós, lá em casa, só comemos sopa de fajão vermelho.

—O meu é ao contrário... Como é do Sporting temos de «gramar», sempre, caldo verde.

### Pensava que fôsse alegria

O juiz:

—É verdade que o senhor deu um beijo nesta mocinha?

—Sim, senhor delegado.

—E o que fez ela?

—Começou a chorar.

—E apesar de suas lágrimas o senhor ainda a tornou a beijar?

—Sim, porque pensei que chorava de alegria.

# MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

das pessoas que se iam encontrando à margem do caminho, esta frase entremeadada de admiração e de saudade:

—O senhor abade por aqui?!

E o mesmo rumor perpassou por toda a aldeia — a inesperada visita do senhor abade de Caldelas.

Que magnífico espectáculo este de ver um povo rodear de tanta veneração e respeito o seu antigo pároco!

É óbvio que as populações das alturas se mantêm perservadas do vírus que já contamina as pretensiosas aldeias da planície, de mais, adstritas a focos de infecção e de ideias avançadas, quando as forças do mal por vezes movem seus planos contra estes apóstolos do meio rural, única garantia de uma autoridade que mantém em equilíbrio estes povos e se exerce, sem violência ou constrangimento, de dentro para fora, no constante incitamento e exortação à prática da caridade, do respeito e temor de Deus, à observância da Sua Lei; na prática e salvaguarda do direito de propriedade e do legítimo salário do trabalhador.

Ordena o bom senso quanto deve reflectir-se no que seria o miserável viver das populações rurais, se não fosse esta presença e sucessão milenária de guias espirituais que uns após outros veem a ministrar as luzes de uma relativa civilização, a combater a barbárie e a superstição em meios que, de outro modo, resvalariam no torpor e nas trevas da própria selva africana.

Forçoso é que se compreenda quanto deve promover-se, da parte para o todo, a paz e a tranquilidade na alma e na consciência dos povos, a partir destas moléculas fundamentais da numerosa família humana — as freguesias — em torno de poderes hierárquicos sob cujo governo se sustenta em unidade e progresso, através dos séculos.

E perdoe o leitor tê-lo trazido a estas considerações, antes de atingirmos a igreja de Paranhos.

De passagem pela capela de Santo Ovídio, já descrita através da valiosa colaboração do senhor abade de Caldelas, descemos pela vertente oposta; e, sempre dominando o poente, de novo nos encontramos no recinto das termas, como quem escorrega de um monte à cidade.

E a título de despedida, ia o senhor abade a dizer:

— Obrigado por me desafiar... quando por generosa amabilidade emendou, proporcionar este belo passeio.

Respeitosamente, daqui lhe reitero o meu sincero reconhecimento.

\* \* \*

O nome desta freguesia, situada nas alturas e povoada de matagais e giestas, é para todos os efeitos um monumento medieval — *Paramo* ou *Amadigo* — como definem as Inquirições de D. Dinis, de 1290:

*«Alguns fazem Honras ali hu crião os filhos de Algo em esta guisa: Emparom o Amo em quanto he vivo, e desde que os Amos são mortos, emparom o lugar, pondo-lhe o nome PARANHO, isto he, emparado, ou defendido por Honra».*

Foi abuso de que muito se serviram os proprietários de casais para libertá-los de encargos para com a Fazenda Real; por isso o mesmo monarca e na referida data aboliu este privilégio, deitando-o em devassa.

Se outrora se criaram, por estas paragens os filhos dos ricos-homens e cavaleiros que partiam em longas e demoradas expedições guerreiras, e na incerteza de voltarem a ver os que ficavam, ainda há bem pouco tempo os últimos abencerragens dessas antigas e nobres gerações vaguearam foragidos por estes sítios agrestes, barbas e cabelos hirsutos a disfarçarem as suas verdadeiras feições; membros do clero e da fidalguia — que mais uma vez buscaram o convívio das feras, para escaparem a outras «feras».

Ao advento do novo regime, muitos padres e fidalgos valeram-se de esconderijos desta natureza, até que conheceram o exílio ou voltaram cautelosamente a suas terras.

Uma profunda transmutação se havia operado à face da história — o reverso da medalha:

Aquele célebre cavaleiro andante, D. Arnaldo de Baião, que logo de princípio deste trabalho se referiu ter vindo com outros a estas terras de Entre-Homem e Cávado, a guerrear os mouros, e foi tronco e cabecel de «Azevedos» e outras ilustres famílias por aqui estabelecidas parece vê-lo por estes mesmos sítios, alquebrado sob o peso e na penumbra dos séculos, já sem forças para brandir o seu montante.

Dos que combateu, uma nova força se gerou e esta também a seu modo e tempo oportuno veio a campo, a ganhar terreno, de seus esconderijos, de suas alfurjas...

(Continua no próximo número)

## Agradecimento

O abaixo assinado torna público o acto de honradez praticado pelo sr. Manuel Correia, empregado da Empresa das Águas, de Caldelas, que lhe entregou a quantia de 6.000 escudos que tinha perdido.

Por este meio lhe fica muito obrigado, tornando-o credor da admiração pública.

Amares, 5 de Setembro de 1958.

José Fernandes de Araújo

## Desastre no trabalho

Quando anteontem, de tarde, se encontrava a carregar uma camionete com pedra, no monte da Santinha, foi colhido por uns pedregulhos que o deixaram em estado grave, o ajudante de motorista, João de Almeida «O Papagaio», empregado da firma Garoto (Filho).

O sinistrado deu entrada na Casa de Saúde de Amares.

## Lede e assinai 'Tribuna Livre'

## Patronato de Santa Filomena

Continuamos a receber donativos para esta grande obra, que é toda só de Deus, para agasalhar criancinhas pobres e velhinhos sobre a protecção, de Santa Filomena.

Recebemos do Sr. Agostinho César Correia Peixoto, da freguesia de Goães, deste concelho de Amares, a quantia de 100\$00. Desta importância, prometeu-a a Santa Filomena 50\$00 pelo bom resultado da melindrosa operação do menino Luizinho, filho do Ex.mo Snr. Doutor Eduardo Gonçalves, digníssimo médico e Sub-Delegado de Saúde deste concelho de Amares. É uma graça obtida por intercessão de Santa Filomena.

Recorramos todos a Santa Filomena porque ela é toda poderosa junta de Deus. Quem a ela recorrer poderá ter a certeza que será atendido.

A mesa agradece e pedirá preces ao Céu por todas as pessoas que ajudarem, com as suas esmolas, para esta grande obra.

A Tesoureira: Rosa Maria Veloso Ribeiro



FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

## Aniversário

Passa na próxima terça-feira o aniversário natalício da gentil menina Dalila de Jesus Fernandes, filha da Sra. D. Esmeralda de Jesus Fernandes e do Sr. Albino José Fernandes.

Associando-nos a esta festa, damos-lhe os nossos parabéns, desejando-lhe muitas felicidades.

## TELEFONES MAIS

### UTEIS DE AMARES

BOMBEIROS V. de Amares . . .	{ 62113 62141
Câmara Municipal de Amares . . .	62121
Casa de Saúde de Amares . . .	62122
Correios { Amares . . . . .	62116
{ Caldelas . . . . .	65116
Delegação de Saúde . . . . .	62145
Farmácias { Amares . . . . .	62127
{ Feira Nova . . . . .	62124
{ Bouro . . . . .	3863
{ Caldelas . . . . .	65121
Guarda Republicana — Amares . . .	62115
Hospital S. Marcos — BRAGA . . .	18
Amares . . . . .	62120
Feira Nova . . . . .	62117
Bouro . . . . .	3867
Postos Públicas { Caldelas . . . . .	65120
{ Entre Pontes . . . . .	7119
{ Goães . . . . .	3862
{ Rendufe . . . . .	7117
{ Sequeiros . . . . .	65137

## Jogos Florais

### da Praia de Albufeira de 1958

No próximo dia 13 de Setembro realizam-se na formosa vila algarvia de Albufeira os jogos Florais da Praia.

Podem concorrerem todos os Poetas e Escritores (e Compositores Musicais) Portugueses.

São admitidos os seguintes géneros, com os prémios que se indicam:

#### A—Poesia:

##### a) — Poesia Lírica:

- 1.º — Prémio . . . 700\$00
- 2.º — . . . . . 300\$00
- 3.º — . . . . . 100\$00

##### b) — Soneto:

- 1.º — Prémio . . . 500\$00
- 2.º — . . . . . 200\$00
- 3.º — . . . . . 100\$00

##### c) — Poesia Obrigada a Mote:

O Mote a glosar é a seguinte quadra da autoria do Poeta Vitor Castella:

*Na noite do teu olhar  
Há um mistério profundo,  
Que tem a força do mar  
E que não cabe no mundo...*

- 1.º — Prémio . . . 500\$00
- 2.º — . . . . . 200\$00
- 3.º — . . . . . 100\$00

##### d) — Quadra Popular:

- 1.º — Prémio . . . 300\$00
- 2.º — . . . . . 100\$00
- 3.º — . . . . . 50\$00

#### B—Composição Musical:

a) «Canção de Albufeira», em qualquer género ligeiro, a qual poderá ter letra.

- 1.º — Prémio . . . 700\$00
- 2.º — . . . . . 300\$00
- 3.º — . . . . . 100\$00

Quem desejar consultar o regulamento pode fazê-lo nesta Redacção.

### Automóveis de Aluguer

DE

José António Vieira

Carros de 4 e 6 lugares

Telef. 65130 (na residência)

Termas de Caldelas

Anunciai  
na «Tribuna Livre»

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Delegado: ANTONINO NOGUEIRA MARTINS

## Reunião Camarária de 30-8-58

### Licenças para obras

Foram requeridas, licenças para obras, por: Manuel José de Carvalho e José Manuel Martins, ambos de Carvalheira; António Antunes, de Pesqueiras-Moimenta; José Martins Barreto, de Covas; António Gonçalves Príncipe, da Ermida — Vilar da Veiga; Domingos Palhares, de Freitas-Covide; Valério Gonçalves, de Valdozende; Bernardino José da Costa; César Cancela, ambos de Rio Caldo; João Martins Antunes, de Covas; Severino António Ribeiro de Araújo, de Rio Caldo; Bernardino da Cruz, de Valdozende.

### Alti-falantes

Entregou requerimento: Alberto Rodrigues da Silva, de Vieira do Minho.

### Condução de Velocípedes

Requereram licença para condução de velocípedes: Abílio de Jesus Dias, de V. da Veiga e Adelino Barbosa Leite, motoristas.

### Terreno no Cemitério

Deliberado conceder dois metros quadrados de terreno no cemitério municipal a Ilda da Cruz Pinto, para sepultura perpétua.

### Internamento de doentes nos Hospitais

Foram mandadas passar guias para internamento nos Hospitais, aos doentes: Adelaide de Jesus Rodrigues, do Gerês; Adelaide da Conceição Afonso Marujo, de Gondoriz; Josefa da Conceição Silva, do Gerês; Maria Adelaide Gonçalves da Silva, de Souto; Maria Branca Pereira Fernandes, da Ribeira.

## REALIZAM-SE EM BRAGA

### as Comemorações do XXV aniversário da Promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional

Os Grémios do Comércio, Indústria e Agricultura, os Sindicatos Nacionais e as secções sindicais e as Casas do Povo de todo o distrito de Braga promovem, no próximo dia 23 de Setembro, a comemoração do XXV aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

Os organismos corporativos pretendem, assim, assinalar com o justo relevo uma data verdadeiramente nacional e exaltar o significado e alcance do notável diploma que veio definir a política social e do trabalho e frutificar numa série de medidas legislativas com grandes reflexos nas relações dos grupos profissionais.

A cidade de Braga tem especiais responsabilidades, a que vai saber corresponder por meio dos organismos corporativos empenhados e decididos a festejar as bodas de prata da «carta magna» do trabalho português com a dignidade e solenidade indispensáveis.

Para o efeito realizou-se na Delegação Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, uma importante reunião, a que preside o delega-

do, sr. dr. Valentim de Almeida e Sousa, e assistiram o sr. dr. Nuno de Bettencourt, subdelegado do mesmo Instituto, e muitas dezenas de dirigentes dos organismos citados.

O delegado I. N. T. P. agradeceu a presença de tão elevado número de dirigentes e teve largas considerações sobre a iniciativa dos organismos corporativos de festejarem o XXV aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional ao nível nacional.

Entre aquele magistrado e os dirigentes estabeleceu-se vivo diálogo e muitos dos dirigentes presentes deram sugestões para a fixação do programa das comemorações.

Foi constituída uma comissão executiva de que fazem parte os srs. Adolfo Santos da Cunha, presidente do Grémio do Comércio de Braga e procurador à Câmara Corporativa, Zacarias Peixoto, presidente do Grémio dos Industriais de Metalurgia e Metal-Mecânicos do distrito de Braga, dr. José António Rodrigues de Faria e capitão Sebastião Pereira Dias, pelo Grémio da Lavoura de Braga, dr. Faria Gonçalves, presidente do Sindicato

## Festa de N.ª S.ª de Fátima

Realiza-se nos próximos dias 12 e 13 de Setembro, com grande solenidade, as festas de N.ª S.ª de Fátima no Gerês, constando do programa o seguinte:

**Dia 12—Às 12 horas, grandiosa girandola de morteiros anunciará o início das Festas, sendo transmitido em seguida por potentes alto-falantes instalados ao longo da Avenida, um programa de música sacra gravada. Às 22 horas, sairá da capelina de S.ta Eufêmea uma grandiosa procissão de velas com o sumptuoso andor de N.ª S.ª de Fátima ricamente iluminado, que percorrerá o itinerário do costume, finda a qual será proferido um sermão por um distinto orador sagrado.**

**Dia 13—Às 8 horas da manhã, dará entrada a famosa Banda de Vila Verde que será recebida com uma grandiosa girandola de morteiros. Às 10 horas, missa solene a grande instrumental. Das 13 às 15,30 horas a mesma banda executará alguns números do seu escolhido repertório. Às 16 horas, sairá a magestosa procissão Eucarística com ricos e lindos figurados, em que tomarão parte diversos andores caprichosamente decorados pelos mais distintos artistas desta região. Finda a procissão será proferido um brilhante sermão.**

**A Avenida das Termas, ricamente engalanada, dará ao ambiente um ar festivo. Às 20 horas, arraial minhoto com iluminações, abrilhantado pela mesma Banda.**

**Quermesse, bazar de prendas e outros divertimentos, terminando cerca das 24,30 horas os festejos, com uma sessão de fogo de artifício.**

to Nacional dos Contabilistas, Adriano Fernandes Costeira, presidente do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Textil, António Augusto da Silva, presidente do Sindicato dos Caixeiros, João Gomes Veiga presidente da Casa do Povo de Mire de Tibães, eng.º José de Oliveira Pinto, presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo do Ronfe, prof. Manuel Cardoso, presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo de Travassós e procurador à Câmara Corporativa, padre Francisco de Freitas Carneiro, presidente da Comissão Administrativa da Casa do Povo de Fervença, Aarão Pereira Pinto de Azevedo, presidente da Casa do Povo de Barcelinhos e António Máximo Sá Costa Reis, presidente da Casa do Povo de Lousado.

O programa geral das comemorações, a que devem assistir mais de mil trabalhadores de todo o País, será tornado público dentro de dias.

## A TERRAS DE BOURO

(Continuação da 1.ª página)

—Conheci e tive largos tratos comerciais, durante a minha longa estadia no Brasil, com um rapaz (agora à volta de uns 70 a.) que era natural desses sítios e para ali fora mandado, ainda bem moço, pelos pais, que eram lavradores.

Conheceu em pouco tempo toda a odisseia e escala de vida do emigrante português e depressa, pelas suas raras qualidades conquistou uma posição de relêvo na praça do Rio.

Corre hoje um mito, proseguiu ele, de que no comércio pessoa que queira levantar cabeça não pode ser séria; este no entanto, era a honradez personificada e o seu negócio aumentava dia a dia.

Nunca se esquecera da família, mandando-lhe volta e meia suas lembranças; e, a propósito de seu pai, contava ele com muita graça e admiração a seguinte história:

Quando, passados anos, que levava a consolidar a sua vida, veio de visita à metrópole, também o pai descera dos montes e dirigiu-se ao Porto pela 2.ª vez, a esperá-lo no desembarque.

Fácilmente o descobriu e reconheceu no cais, entre a multidão ansiosa; e logo que chegou a sua vez de des-

cer a escada, chegar-se ao pai para abraçá-lo, também este tinha vindo aproximando-se, de modo que de braços abertos correu para ele naquele primeiro e solene encontro.

Mas qual não foi a sua surpresa, porque o pai não abria os braços para corresponder-lhe; antes puxando do bolso por um saquitol que sacudia e continha metal sonante, apontando-lho ao rosto dizia e insistia:

—Primeiro que tudo, toma isto que te dou; aceita, porque é teu, meu filho!

Tua irmã, casou, como muito bem sabes. Demos-lhe tanto como aqui tens. O resto será depois convosco.

—Não pude conter as lágrimas, comentava então o filho; e alguns circunstantes choravam também perante aquele quadro que a todos surpreendeu e a mim, que estava longe de contar com semelhante gesto e apuros de honradês da parte de meu santo pai.

E terminou o meu interlocutor:

—Era bem filho de um tal progenitor!

E eu concluo:

Honra-se e assim se engradece e dignifica a terra em que se nasce.

D. M. S.

### Ainda a visita pastoral à sede do Concelho (Freguesia de Moimenta)

Acerca da local inserta na «Tribuna Livre» de sábado passado (dia 30), consta-nos que, em certos meios locais, foi a mesma tomada como acintosa. E' nosso desejo esclarecer que, o que saiu, não tinha em vista atingir quem quer que seja, mas tão somente chamar a atenção de quem de direito para tratar dum assunto que nos envergonha. De qualquer maneira, entendemos ser de louvar o incitamento à execução de obras para bem da terra e a obra a que nos referimos é das mais urgentes e necessárias. E' que, com o andar dos tempos, e a continuar assim, não haverá sinos na sede do concelho, para convidar o povo à prática dos actos religiosos se o que se encontra «dependurado» lhe der para «descer». Se o fizer, que veja como cai, para não sofrer fractura.

### Novo Pároco de Moimenta

Segundo o anunciado no «Diário do Minho», de sábado, foi nomeado para pároco de Moimenta e anexa de Vilar, o Rev.º P.º José Mendes Rodrigues, há pouco ordenado de presbítero, passando a paroquiar a freguesia da Balança (como já vinha fazendo), e anexa de Ribeira, o actual pároco, Rev.º João Francisco Rodrigues Pereira.

Recebemos com desgosto a notícia, pois que o Rev.º João F. R. Pereira, pela sua inteligência e conduta, pela sua dedicação aos actos da Igreja, que ia até ao sacrifício, a todos conquistou e era muito estimado. Felizmente que fica perto da sede (Balança) mas, em certo modo, privado de vários confortos, como a luz eléctrica, água corrente na sua admirável residência, estrada, etc.

Ao novo pároco, apresentamos os melhores cumprimentos, com ardentes votos por que seja feliz na sua missão.

Tipografia

Encadernação

TELEFONE, 62113



Livraria

Papellaria

Feira Nova-Amares

# Bilhetes - Cartas de Angola

XLVIII

Inolvidável Pedro Lucas:

O vapor atracou, como já te referi, na tarde do dia 30 de Junho de 1957, pelas dezoito horas, um domingo de sol esplendente.

Todos aqueles para quem o porto de desembarque era a capital de Angola já haviam dado por finda a tarefa obrigatória e aborrecida de juntar, dobrar, arrumar e fechar a roupa de viagem nas respectivas malas, baús e sacos. Por isso todos estes formaram fila indiana em um «deck» para apresentação e exame, dos documentos de embarque, a quem de direito. Desnecessário é contar que o nosso Silva também estava na «bicha».

Chega o médico e a polícia marítima. Aquele inquirido estado sanitário do barco, seus passageiros e tripulantes, este revê atenta e cuidadosamente a documentação ou papelada de todos os que ficam em Luanda.

A mim também me aconteceu o mesmo, mas em Moçâmedes, lugar do meu desembarque, depois de mais dois dias de viagem.

Da amurada consegui bispar o Almeida e o Martins que nos esperavam com os seus respectivos «espadações».

Logo que o Silva ficou livre destes trâmites burocráticos, carregamos

com as malas e descemos para cair saudosamente nos braços destes dois grandes amigos.

E falamos com entusiasmo dos presentes e dos ausentes, das férias e das famílias, das boas e más novas, tudo revivendo com saudade infanda e alegria indizível. E lá seguimos rumo a suas casas onde fomos recebidos e tratados principescamente, por eles e suas esposas. O crepúsculo dessa noite já havia iniciado a sua empreitada de cair sobre a cidade; os armazéns iam-se iluminando e, um a um, os candeeiros acendiam-se e, todas estas luzes, a custo, furavam a neblina densa e serrada que um çacimbo muito fino ajudava a produzir e a cair. Assim estava Luanda nessa noite do nosso desembarque.

Mais outro abraço para ti e para os teus.

Boa-Fé, 2 de Setembro de 1958

GONZAGA DA CRUZ

## A «Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

se concertem e possamos ver em futuro próximo, intenções mais pacíficas, melhor colaboração mútua entre ocidentais e árabes.

É que o mundo árabe começa a convencer-se que, encostando-se à Rússia, não encontrará apoio económico, especialmente por se apresentar como sua perigosa concorrente nos mercados petrolíferos, chegando a oferecer o produto com substancial diferença de preço (2\$00 para 3\$50 o litro), aos consumidores europeus, como se verificou com a firma inglesa «Stevenson, Hardy & C.».

Os grandes magratos árabes do petróleo, de que fazem parte muitos governantes, vêm nesta medida — a par das muitas promessas que lhe foram feitas, mas de resultados nulos — que não é a Rússia aquele pilar económico em que devem apoiar-se, e começam a descobrir ainda que, mesmo ideologicamente, lhe não serve como mentora, atendendo a que detestam as doutrinas comunistas talvez com mais aversão do que as que lhe apresenta a civilização ocidental.

Politicamente pode considerar-se perdido o Oriente-Médio para o Ocidente, mas não o está economicamente, antes, conjungam-se todas as circunstâncias para que se fortaleçam as suas relações económicas.

Por muita vontade que os árabes tenham em quebrar todas as peias políticas que os liguem ao Ocidente, ainda mantêm o senso bastante para rever o seu problema económico e perceberem com nitidez que de nada lhes valeriam as riquezas petrolíferas sem o comprador tradicional, único que lhe pode gastar a sua gran-

de produção, e da qual o Ocidente gasta, efectivamente, cerca de 70%.

O Governo Revolucionário do Iraque, sabendo a força que representa o petróleo nas relações ocidentais com o mundo árabe, ao mesmo tempo que perigosamente aderiu à República Árabe Unida, preveniu o Ocidente de que não estava em causa a nacionalização do petróleo, se em troca lhe fossem oferecidas relações amigáveis. Este duplo golpe político é, segundo cremos, o verdadeiro motivo por que vingou a revolução sangrenta do Iraque; mesmo nós portugueses, fomos quase forçados a reconhecer o novo regime, atendendo aos interesses que ligam Portugal ao Iraque, em relação ao petróleo.

Não deixa no entanto de oferecer grandes complicações a política árabe entre si, com reflexos internacionais que tudo podem complicar de momento, tanto mais que o maquiavelismo russo não deixa de actuar e aproveitar todas as entreabertas para criar a desavença

e semear o ódio.

Israel — Libano — Jordânia, são como escolhidos, em mar encapelado, a fazer naufragar a nau-árabe.

Por um lado, o «pan-arabismo» com nutrido ódio a Israel, a que este opõe o sionismo com a complicada trama das questões de fronteiras e problema dos refugiados da Palestina; por outro lado a guerra civil do Líbano e a situação perigosa da Jordânia, cercada de inimigos e ameaçada pela República Árabe Unida.

Esta caldeira efervescente continua em ebulição: O Rei da Jordânia recusou já as sugestões do Secretário Geral da O. N. U., com receio de ser eliminado; os problemas do petróleo são objecto de discussão entre a Liga Árabe; as tropas americanas e inglesas continuam a proteger o Líbano e a Jordânia; e um seu número de problemas mantêm-se em suspenso...; mas o casamento «Ocidental-Árabe», por conveniência económica, sobreleva todo este enredo político «Inter-Árabe».

EME

## Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

Folhetim de «Tribuna Livre», 83

# SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Uma vez por semana terá cá o seu filho adoptivo, o Pedrinho.

— Que muito e muito lhe agradecemos.

— A eterna agradecida sou eu, pelo interesse que têm pelo meu menino.

— E quando a senhora D. Leopoldina tiver outro filho, cá estamos para o apartar do leite.

— Não poderia encontrar melhor casal para confiar o meu filho...

— Obrigada, minha senhora!

— Você, Maria Teresa, e o José são bem dignos um do outro.

— Damo-nos muito bem; os nossos génios casam-se admiravelmente.

Estamos sempre de acordo um com o outro; nenhum de nós toma uma resolução definitiva, sem nos consultarmos mutuamente.

— Como são felizes!

— Nunca houve entre nós a sombra de um leve amúo ou uma palavra que não fosse, sempre, acompanhada de um sorriso!

— De facto, a felicidade não está no dinheiro!

— Não, minha senhora!

A felicidade, a verdadeira felicidade, reside no amor, no mútuo entendimento, na harmonia dos génios.

Eu e o José somos imensamente felizes; nunca pensei, até, quando era solteira, que a felicidade fosse tão completa, como é a nossa.

— Felicito-a, Maria Teresa; oxalá que você goze sempre, no seu lar, esta merecida felicidade.

— Estou segura disso, senhora D. Leopoldina; o José é um exemplar marido, é um estremoso pai, é um excelente chefe de família.

Quando tenho uma ligeira dor de cabeça já não sabe o que me há-de fazer e não sai junto de mim, ora falando-me, como verdadeiro namorado, ora cobrindo-me de quentes e apaixonados beijos.

— Sim... essa é a única, a verdadeira felicidade, com que todas as mulheres sonham, mas que tão poucas, infelizmente, veem a gozar no lar que constroem com o seu amor e as suas ilusões...

— Senhora D. Leopoldina, eu sou, simplesmente, a sua caseira, mas se a senhora quiser vir por aqui, sempre que lhe aprouver, dá-me imenso prazer, pois quero-lhe tanto, como uma irmã mulher, querida.

— Obrigada, Maria Teresa; creia que, também, sou muito sua amiga, e sem favor, para quem me tratou o filho com verdadeiro desvelo de mãe.

— O Pedrinho é uma linda criança, e muito engraçada, a quem muito quero!

(CONTINUA)

Dr. Fernando Adelino Faria Ferreira

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

CADELAS